



“Se vocês só sabem Educação Física, vocês não sabem Educação Física”: O intelectual Manuel Sérgio e sua recepção na Educação Física brasileira visitado por Lino Castellani Filho

“If all you know is Physical Education, you do not know Physical Education”: The intellectual Manuel Sérgio and his reception in Brazilian Physical Education, revisited by Lino Castellani Filho

"Si lo único que sabes es Educación Física, no sabes Educación Física": El intelectual Manuel Sérgio y su recepción en la Educación Física brasileña, en la visión de Lino Castellani Filho

André Malina¹

Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Luciano Galvão Damasceno²

Professor da Prefeitura do Município de São Paulo e da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo/SP, Brasil

Jennifer Aline Zanela³

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Lino Castellani Filho⁴

Professor Livre-Docente aposentado da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil

Recebido em: 31/03/2026.

Aceito em: 08/05/2026.

Resumo

A entrevista com o professor Lino Castellani Filho apresenta, sob o olhar de um intelectual de suma importância para a Educação Física brasileira, como o pensamento de Manuel Sérgio influenciou a construção da área. O diálogo abordou a recepção de Manuel Sérgio no país, o impacto de sua obra na construção de uma Educação Física crítica, em oposição ao modelo biologizante hegemônico da época, bem como a leitura sobre os aspectos epistemológicos de sua produção.

Palavras-chave: Manuel Sérgio. Intelectual. Movimento Renovador da Educação Física.

¹ E-mail: andremalina@yahoo.com.br.

² E-mail: lluccianogd@gmail.com

³ E-mail: zanelajennifer@gmail.com.

⁴ E-mail: lino.castellani@uol.com.br.

Abstract

The interview with Professor Lino Castellani Filho presents, from the perspective of an intellectual of paramount importance to Brazilian Physical Education, how Manuel Sérgio's thought influenced the constitution of the field. The discussion addressed the reception of Manuel Sérgio in Brazil, the impact of his work on the consolidation of a critical approach to Physical Education, in opposition to the hegemonic biologizing model of the time, as well as an analysis of the epistemological aspects of his production.

Keywords: Manuel Sérgio. Lino Castellani Filho. Intellectual.

Resumen

La entrevista con el profesor Lino Castellani Filho presenta, desde la perspectiva de un intelectual de suma importancia para la Educación Física brasileña, cómo el pensamiento de Manuel Sérgio influyó en la constitución del campo. El diálogo abordó la recepción de Manuel Sérgio en el país, el impacto de su obra en la construcción de una Educación Física crítica, en oposición al modelo biologizador hegemónico de la época, así como la interpretación de los aspectos epistemológicos de su producción.

Palabras clave: Manuel Sérgio. Lino Castellani Filho. Intelectual.

Introdução

No dia quatro de setembro de 2025, em São Paulo, ocasião da realização do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e do XI Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE), organizado pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), o professor Lino Castellani Filho, atendendo ao convite do Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Epistemologia, compartilhou uma mesa com as professoras Karen Lorena Gil Eusse e Luciana Marins Nogueira Peil intitulada “Manoel Sérgio: trajetória política e pressupostos epistemológicos”, priorizando em sua fala seu entendimento sobre o significado da presença do professor e filósofo português⁵ em nosso país, abordando fatos da sua recepção no Brasil. Por ocasião daquele momento, sentimos a necessidade de registrar a memória e discutir os pressupostos teórico-filosóficos e o impacto da obra de Manuel Sérgio na formação da Educação Física brasileira na década de 1980, quando aqui esteve pela primeira vez.

O professor Lino Castellani Filho gentilmente nos concedeu uma entrevista realizada no dia 23 de março de 2026, que durou, aproximadamente, três horas, em um diálogo profundo e fraterno sobre o intelectual Manuel Sérgio e a sua recepção no Brasil. Participaram da entrevista: André Malina⁶, Jennifer Aline Zanela⁷ e Luciano Galvão Damasceno⁸. A entrevista foi conduzida com base em perguntas pré-

⁵ Manuel Sérgio Vieira e Cunha nasceu em 1933 em Lisboa (Portugal) e faleceu na mesma cidade em 2025. Foi filósofo, professor, dirigente esportivo e deputado. Publicou mais de duas dezenas de livros.

⁶ Membro do Comitê Científico do GTT de Epistemologia do CBCE e coordenador à época da realização do evento em São Paulo.

⁷ Ocupa o lugar da coordenação do GTT Epistemologia do CBCE no atual biênio.

⁸ Membro do Comitê Científico do GTT de Epistemologia do CBCE.

estruturadas. A sessão foi realizada por plataforma remota, gravada e posteriormente transcrita, de forma a atender ao espaço disponibilizado pela revista. De forma geral, os questionamentos foram organizados em dois momentos: 1) aspectos da primeira viagem de Manuel Sérgio ao Brasil, a convite do CBCE, e impacto da sua obra na formação de uma Educação Física crítica, que fizesse frente ao viés biologizante hegemônico na área; e 2) elementos epistemológicos de sua obra.

O leitor da Revista Instrumento tem acesso a uma síntese do diálogo realizado.

O olhar de Lino Castellani Filho sobre Manuel Sérgio

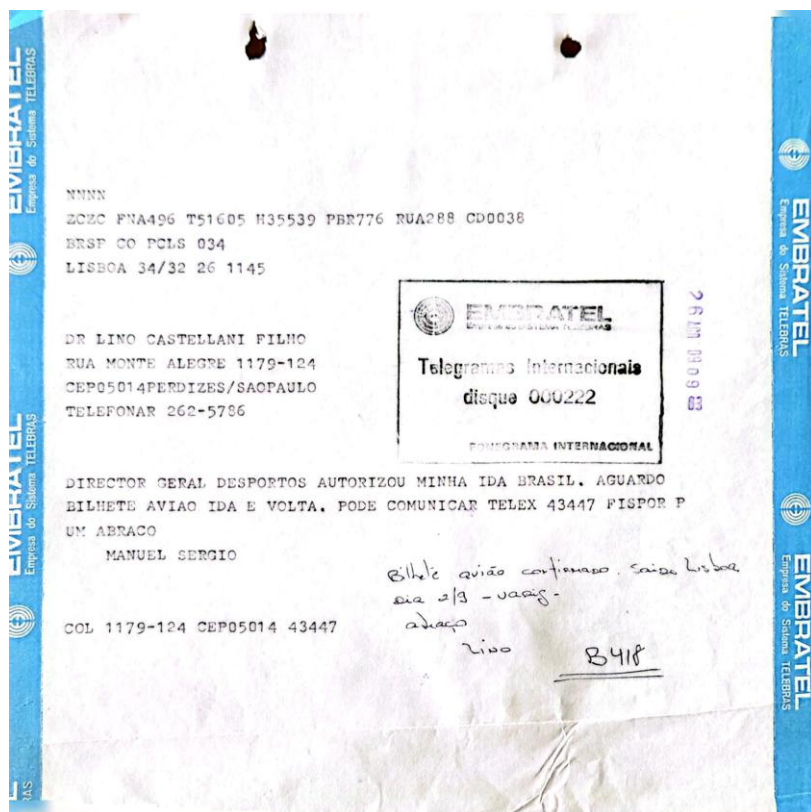
Luciano Galvão Damasceno: Lino, você pode contar um pouco de como conheceu a obra de Manuel Sérgio no final dos anos de 1970 e as referências e os impactos que este e outros autores portugueses tiveram para a Educação Física brasileira daquele momento?

Lino Castellani Filho: Nós estávamos no final da década de 1970. Eu já estava em São Luís do Maranhão há alguns anos, e nos envolvemos na organização do I Congresso Regional Norte/Nordeste do CBCE. Aquele congresso nos marcou muito, se configurando como um divisor de águas no nosso pensar a Educação Física (EF), a qual dava seus primeiros e tímidos passos na direção de organizar-se também como campo acadêmico, ampliando sua forma de ser para além daquela estabelecida desde sempre, qual seja a de campo/área de intervenção pedagógica, tanto no ambiente escolar como em outros espaços. Por sua vez, nossos relacionamentos interpessoais e profissionais extrapolavam os limites próprios da EF, nos levando a estabelecer interlocução com colegas da universidade das áreas da Educação, das Ciências Sociais, nos provocando a pensar na possibilidade de termos uma EF diferente daquela até então apreendida por nós em nossa graduação, e por nós reproduzida automaticamente em nosso fazer profissional, uma EF, enfim, que se sintonizasse com o que se passava em nosso país, e que o Maranhão era pródigo em nos mostrar. Estávamos em um processo de abertura política, retomando os caminhos democráticos, após anos de ditadura civil-militar. Não por dádiva dos militares, mas pelo reconhecimento do esgotamento das condições objetivas permissionárias da presença deles no mando dos rumos de nosso país desde os idos de 1964. Foi naquele período que conhecemos uma distribuidora de livros chamada Ebradil, em São Paulo, através da qual passamos a ter contatos com livros que abordavam questões afetas à EF não pelos caminhos que já conhecíamos desde a graduação, mas sim pelo campo das Humanidades (ciências humanas e sociais) de autores portugueses, franceses e ingleses esses últimos traduzidos para o português lusitano. Isso tudo caiu como uma luva para nós. Atendeu

uma expectativa enorme de um pequeno grupo. Numa primeira ocasião que tivemos a oportunidade de ir até a distribuidora, cuja loja ficava numa travessa da avenida Brigadeiro Luís Antônio (SP), nos deparamos com as obras de Manuel Sérgio, como “Desporto e Democracia” (1976), “Desporto como prática filosófica” (1977), “A prática e a Educação Física” (1978) e “Filosofia das Atividades Corporais” (1981). Tivemos acesso também a outros autores portugueses, como Noronha Feio (“Desporto e Política: Ensaio para sua compreensão”; “Desporto para a Liberdade”), José Esteves (“O Desporto e as Estruturas Sociais”), Melo de Carvalho (“Cultura física e Desenvolvimento”; “Desporto e Revolução”), Antônio Paula Brito (“Ensaio no tempo”), Teotônio Lima (“Alta Competição: Desporto de dimensões humanas?”), todos eles na “pegada” das Ciências Humanas e Sociais. Também tivemos acesso ao inglês P. C. McIntosh (“O Desporto na Sociedade”) e aos franceses P. Laurent; R. Barran, e J. J. Faurel (“Os comunistas e o Desporto”). Então, veja, o sentimento que nos tomou ao percebermos que isso tudo já existia há bastante tempo e que nós estávamos sem acesso a essa literatura, por conta de um governo de exceção aqui instalado em 1964 e ainda presente naquele final dos anos de 1970 e início de 1980, foi de muita raiva! Muito bem, o Laércio Elias Pereira conseguiu o endereço de Manuel Sérgio e fez um primeiro contato. Manuel Sérgio respondeu de forma elegante e simpática. Então eu me aventurei a escrever a ele (conforme identificado nas figuras 1 e 2). Sua resposta veio com a mesma receptividade e elegância sem soberba.

Figura 1

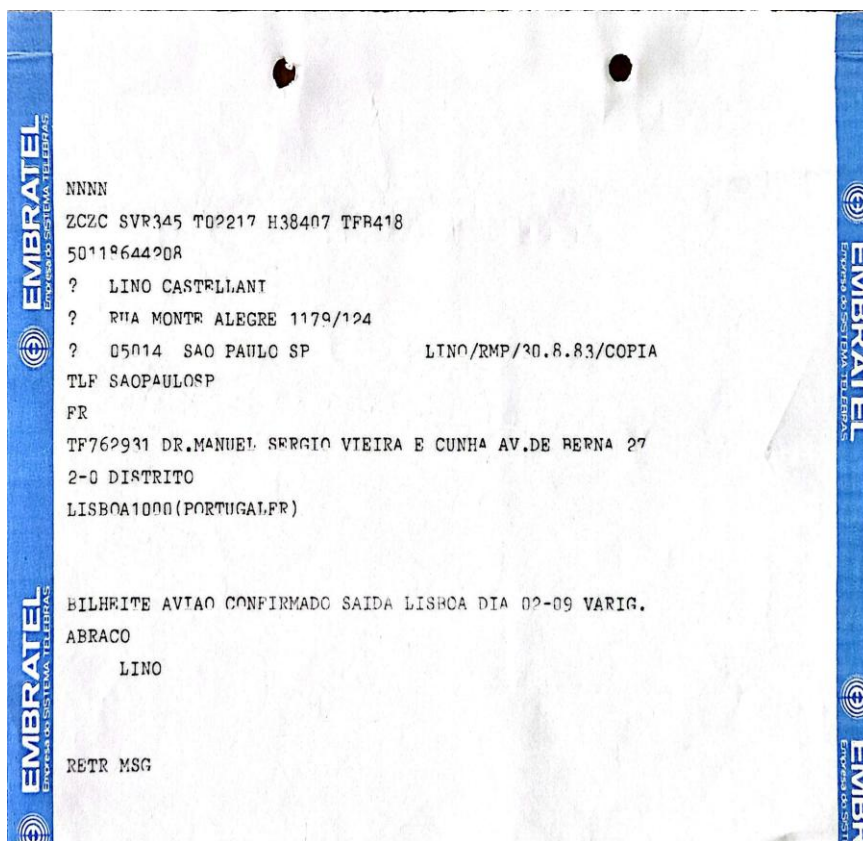
Telegrama de Manuel Sérgio a Lino Castellani Filho



Fonte: Dossiê Manuel Sérgio. Acervo pessoal de Lino Castellani Filho cedido ao GTT de Epistemologia e ao CBCE (2025). Descrição da imagem: após o endereço de Manuel Sérgio de Lisboa e o de Lino Castellani Filho em São Paulo, escreve-se: “Director geral desportos autorizou minha ida ao Brasil. Aguardo bilhete de avião ida e volta. Pode comunicar telex 43447 PISPOR P. Um abraço. Manuel Sérgio”.

Figura 2

Telegrama de Lino Castellani Filho a Manuel Sérgio



Fonte: Dossiê Manuel Sérgio. Acervo pessoal de Lino Castellani Filho cedido ao GTT de Epistemologia e ao CBCE (2025). Descrição da imagem: após o endereço de Lino Castellani Filho em São Paulo e Manuel Sérgio de Lisboa, escreve-se: “Bilhete avião confirmado. Saída Lisboa dia 02-09 Varig. Abraço. Lino”.

Luciano Galvão Damasceno: Como foi a primeira vinda de Manuel Sérgio ao Brasil?

Lino Castellani Filho: Em 1983, nós fizemos um convite a ele para vir participar do III CONBRACE, a se realizar na cidade de Guarulhos, na região metropolitana de São Paulo. Ele prontamente aceitou. Seria a primeira vinda dele ao Brasil (a passagem de Manuel Sérgio pode ser identificada na Figura 3). A organização do CONBRACE, à época tendo à frente pesquisadores que discutiam a EF pela via biológica — dessa maneira se reportando ao Esporte —, deixou claro que não possuía recursos para bancar a vinda dele, mas que, uma vez no Brasil, arcaria com sua hospedagem e alimentação no período do evento. Dessa forma, encaramos o desafio de bancarmos seu deslocamento aéreo de Portugal para São Paulo. Para tanto, juntamos dez colegas e assumimos o compromisso de arcar solidariamente com o custo de sua vinda. Comprei a passagem parcelando-a em dez vezes. No evento, organizamos uma mesa

de debate que intitulamos “Desporto e Desenvolvimento Humano”. Desavergonhadamente nos apropriamos do título do livro editado em Portugal pela editora “Seara Nova”, livro esse a que tivemos acesso da mesma forma e ocasião dos mencionados por mim. A mesa foi composta por João Paulo S. Medina, que acabara de lançar seu livro “A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’”, e por Laércio Elias Pereira, que abordou o tema “Desporto e Pobreza”. Eu fiquei coordenando a mesa, cabendo ao Manuel Sérgio falar da possibilidade de se ter uma EF pensada, refletida e analisada a partir de parâmetros histórico-sociais. Essa mesa causou um enorme rebuliço entre os presentes! Sua presença na mesa impactou pela forma contundente com que sinalizou ser o “movimento humano” aquele sob o qual a EF “deita os olhos”, e, em assim sendo, saber da intencionalidade desse movimento, de sua razão de ser, de seu sentido e significado em distintos momentos históricos, em determinados contextos sociais de determinadas sociedades, deveria ser a razão central de sua existência, daí derivando suas práticas pedagógicas e sua configuração como área acadêmica. Quando fomos buscá-lo no aeroporto, levamos um livro de sua autoria que trazia, na quarta capa, uma foto dele. Eu estava na casa dos 32 para 33 anos de idade... A primeira coisa que ele nos perguntou após se apresentar foi de que maneira poderia nos ajudar. Ajudar a nós, brasileiros, a fazer o debate da EF pelo campo das humanidades ganhar protagonismo, lutar pela hegemonia. É importante que se diga que até hoje somos contra-hegemônicos. Até hoje, nós não alcançamos a hegemonia pretendida. E muito mais nos tempos atuais, com os pensamentos retrógrados e reacionários situados no campo da extrema direita mundial e brasileira. Lembro a vocês de que nós vivíamos um momento oposto ao que estamos atualmente. Temos, portanto, uma sociedade que ainda corre os riscos de ter o seu Estado Democrático de Direito colocado em xeque mais uma vez pelo campo da extrema direita. Lá no início dos anos 1980 não. Vivíamos o processo da redemocratização da sociedade brasileira. Foi naquele momento histórico que os contornos do que se tornou conhecido como Movimento Renovador da EF brasileira foram traçados. Manuel Sérgio tem muito a ver com isso.

Figura 3

Passagem aérea de Manuel Sérgio com destino a São Paulo

Fonte: Dossiê Manuel Sérgio. Acervo pessoal de Lino Castellani Filho cedido ao GTT de Epistemologia e ao CBCE

The image shows a Varig airline ticket and baggage check. The ticket is for Manuel Sérgio, traveling from Lisbon to São Paulo. It includes flight details, fare basis, and a total amount of 46A. There are handwritten notes and stamps on the document.

BILHETE DE PASSAGEM E NOTA DE BAGAGEM PASSENGER TICKET AND BAGGAGE CHECK		ORIGEM ORIGIN	DESTINO DESTINATION	CUPOM DO PASSEIRO PASSENGER COUPON	
"VARIG" S.A. (Viação Aérea Rio-Grandense)		LISBON	SÃO PAULO	042	4224222637
NOME DO PASSEIRO NAME OF PASSENGER		EMISSÃO ORIGINAL ORIGINAL ISSUE		CÁLCULO DA TARIFA FARE CALCULATION	
MANUEL SÉRGIO		2164EP		10x64.00	
NÚMERO DO BILHETE / TICKET DESIGNATOR		FORMIN* DE SÉRIE FORM./SERIAL N.		DATA E LOCAL DA EMISSÃO DATE AND PLACE OF ISSUE	
1		30 AUG 83		LISBON	
NÃO VALE COMO PASSAGEM - NOT GOOD FOR PASSAGE		VOLUME DE BAGAGEM BAGGAGE		FORMA DE PAGAMENTO FORM OF PAYMENT	
1		2		46A	
BASE TARIFÁRIA FARE BASIS		P.N. REG. UNCK.WT.		TOTAL	
Y		2		46A	

(2025).

Luciano Galvão Damasceno: *Você pode falar um pouco sobre a importância de Manuel Sérgio para esse movimento renovador?*

Lino Castellani Filho: O Movimento Renovador da EF brasileira, em sua vertente progressista — porque a “conservadora”, responsável pelo processo de “cientificização” da EF, ocorre na década de 1970, notadamente em sua segunda metade, em sintonia com os interesses dos militares no poder —, é fruto do processo de redemocratização da sociedade brasileira, a ele estando atrelado. É na década de 1980, portanto, que nos colocamos em campo denunciando o que a EF vinha sendo e, simultaneamente, anunciando o que ela poderia vir a ser. Manuel Sérgio chega ao Brasil no momento em que levantávamos a possibilidade de outra relação paradigmática da EF que não aquela estabelecida através do parâmetro da aptidão física, e sim com uma de natureza histórico-social. De pronto, coloca-se ao nosso lado, nos “emprestando” a “autoridade” de pensador com obras publicadas no “velho mundo”. E o faz se valendo de sua capacidade de falar de coisas complexas de maneira simples, tais como “não há prática sem teoria que a sustente; a teoria radica na prática”; “a teoria perspectiva e antecipa uma nova prática”. E aí nos pergunta: “qual é a teoria que está sustentando a prática de vocês?” E nós tínhamos dificuldade de responder à época, e talvez até hoje, qual era a teoria que embasava a nossa prática. A nossa prática teórica, a nossa prática de intervenção na realidade educacional a partir de um componente curricular chamado EF... Trouxe uma fala no Congresso de 1983 que nos deixou confusos, mas não por muito tempo: “quem só sabe EF não sabe EF. Vocês no Brasil só sabem EF, logo vocês não

sabem de EF”. O que nos levou a entender que a EF se configurava como um complexo de totalidade que interagia com um complexo maior denominado Educação, que, por sua vez, se articulava em um complexo maior de totalidade chamado Brasil, o qual também estabelecia nexo geopolítico com outro complexo maior de totalidade chamado “mundo”... Foi daí que passei a pensar a EF brasileira como “atriz” representando “personagens” em “peça teatral” montada em “cenário educacional” armado no “palco social brasileiro”, de tal maneira que, à medida que o “palco” ganhava novos contornos, obrigava a configuração de novo cenário, o que, por sua vez, levava a EF a representar outro personagem. Manuel Sérgio, em 1983, não tinha, sob forma elaborada, sua tese da “Motricidade Humana”. Era um Manuel Sérgio embebido pela Revolução dos Cravos, de abril de 1974, em Portugal. Era um Manuel Sérgio vinculado ao Partido Comunista Português. Seus primeiros livros davam vazão a esses vínculos. Quando aqui retorna, já na segunda metade da década de 1980, na condição de professor-visitante da Faculdade de EF da Unicamp, trazia em sua mala sua tese a respeito da teoria da Motricidade Humana, para a qual buscava dar visibilidade. Já estávamos na “Nova República”, quadro bastante distante do que aspirávamos quando do movimento pelas “Diretas Já!”. Outro momento histórico. Em certa medida, outro Manuel Sérgio.

Luciano Galvão Damasceno: Lino, e sobre a segunda vinda de Manuel Sérgio ao Brasil? Qual a diferença desse momento em termos teóricos e de vinculações políticas?

Lino Castellani Filho: Manuel Sérgio volta ao Brasil na segunda metade da década de 1980. Em 1987 e 1988, foi professor-visitante da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). João Batista Freire e eu convencemos o diretor da Faculdade de EF a trazê-lo, cabendo a nós a elaboração da documentação alusiva aos motivos justificadores do nosso pleito. Ele chega com outras intenções, como digo acima. Continuou simpático, e em nenhum momento o vi assumindo postura “colonizadora”, arrogante, como muitas vezes acontece com convidados do primeiro mundo quando chegam a terras de países de capitalismo periférico. Mas, sim, o Manuel Sérgio de 1987 se mostra interessado em dar visibilidade à sua teoria da Motricidade Humana e, então, menos preocupado em nos perguntar como poderia nos ajudar. Em sua chegada, aproxima-se de pessoas e setores que tinham as condições objetivas de fazê-lo circular pelo Brasil. Obviamente, nós não éramos essas pessoas. Não detínhamos poder nem político nem econômico para dar vazão a essa possibilidade. Mais à frente, cheguei a ter conversas com ele, estabelecendo críticas a essa conduta. Críticas essas que ele assumiu com a maior humildade, em correspondências trocadas comigo e com outras pessoas que tinham também essa possibilidade com ele. Mas nunca, jamais, esse distanciamento político interferiu nas nossas relações

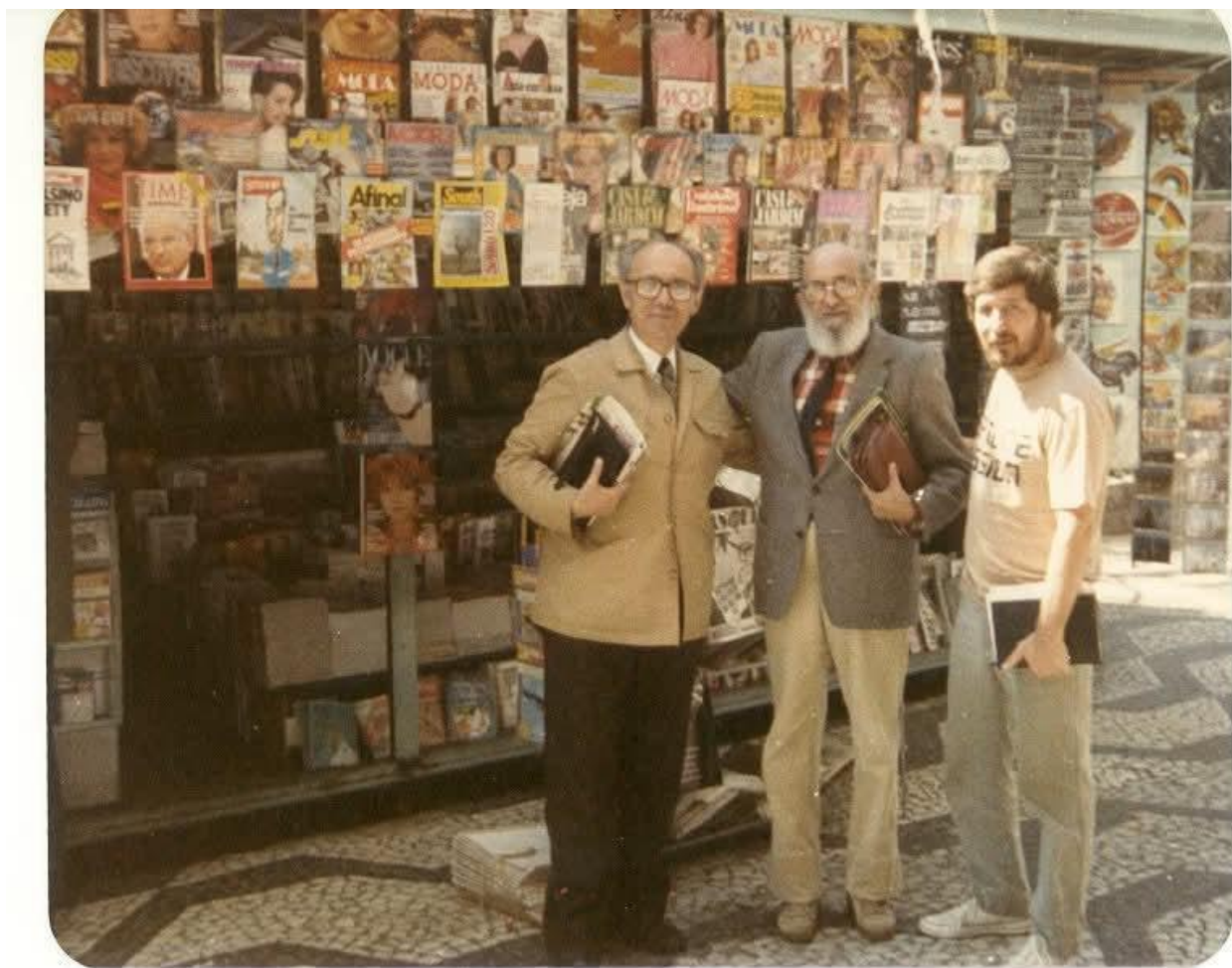
pessoais. Porque ele era uma pessoa de uma ética extremamente pautada por aquilo que defendemos em uma perspectiva de emancipação, desenvolvimento humano e justiça social. E essa perspectiva ética eu levei com ele e ele comigo até os últimos dias, antes do seu falecimento.

Luciano Galvão Damasceno: *Lino, não é da característica de uma entrevista acadêmica perguntar sobre amizade, no entanto você traz elementos em seus escritos e em suas falas de uma relação de amizade com Manuel Sérgio. Você pode falar um pouco da sua relação pessoal com ele?*

Lino Castellani Filho: A minha relação com Manuel Sérgio teve uma natureza muito mais política do que epistêmica. Muito mais de amizade pessoal do que de confronto com o ecletismo presente na sua teoria da Motricidade Humana. Cheguei a dizer, na ocasião da mesa no CONBRACE do GTT de Epistemologia, que pouco se fez de estudos sobre Manuel Sérgio e sua teoria da Motricidade Humana aqui no Brasil. Na mesa do GTT Epistemologia no último CONBRACE, Valter Bracht mencionou para mim no debate que havia estudos sim, inclusive de autoria dele. Isto é verdade. Mas eu penso ainda que, pelo peso da presença de Manuel Sérgio entre nós, ele continua merecendo mais estudos do que os já realizados sobre sua influência na EF brasileira e, claro, sobre sua Teoria da Motricidade Humana. Estive com ele por ocasião de minha presença no Ministério do Esporte, ocasião em que proferiu palestra. Infelizmente, ela foi ouvida e assistida por aqueles que já o conheciam, e os que, de fato, precisavam e deveriam assistir a ele não se deram ao trabalho de fazê-lo. Quando chego a Portugal pela primeira vez, Manuel Sérgio me recebe, e o primeiro lugar a que me leva foi o Estádio do Belenenses. Depois me levou para saborear os “pastéis de Belém”. E só depois disso me levou à sua casa. Minha relação com ele sempre foi de uma humanidade que eu enalteço por onde eu vá, e eu carrego comigo como uma das coisas mais importantes e significativas que a vida me propiciou, que eu mais preservo, de que eu mais tenho orgulho. Mas isso, até por conta dessa amizade, me fez ficar totalmente à vontade para estabelecer as críticas que achei pertinente fazer a respeito da forma como se configurou a presença dele no Brasil nesses dois momentos históricos. E ele as entendeu com serenidade, jamais permitindo que nossa amizade fosse afetada. Sempre me tendo em alta conta, e eu a ele da mesma forma. Eu escrevia para ele chamando-o de “Mestre amigo, Amigo mestre”, e ele me respondia sempre trazendo “Meu querido amigo” no título. Todas elas começavam assim, no meu jeito e no dele. Acho que tudo isso traduz bem o que ele representou, no meu modo de entender, para a EF brasileira e para mim, em especial, no particular.

Figura 4

Lino Castellani Filho e Manuel Sérgio, ao lado de Paulo Freire



Fonte: acervo pessoal de Lino Castellani Filho. Na imagem, em meados da década de 1980, da esquerda para direita: Manuel Sérgio, Paulo Freire e Lino Castellani Filho.

André Malina: *Dos livros que você mencionou de Manuel Sérgio, de qual deles vocês mais gostavam?*

Lino Castellani Filho: Eu gostava dos dois primeiros a que eu tive acesso. “Desporto em Democracia” foi o primeiro. Foi um choque para mim. Porque, de tudo que eu tinha lido até então, nada passava perto desse tipo de abordagem. Nós não tínhamos acesso. O segundo foi “A Prática e a Educação Física”, que traduzia essa relação teoria-prática. Se uma prática não tem teoria, não é prática, é um ativismo. Toda a prática revolucionária exige uma teoria revolucionária. Essa teoria e prática passa muito por isso. Talvez hoje algo mais comum, não é? Mas imagine você, no final dos anos 1970, início dos anos de 1980, em São Luís do Maranhão, em uma vinda de férias a São Paulo para rever familiares,

Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 28, Dossiê: Educação Física, Educação e Formação Humana/Entrevista, e-52489, 2026.

tendo acesso a isso. Nossa, foi uma descoberta incrível. Depois, ele começa a mudar, com um livro um pouco mais próximo da metade dos anos 1980, onde já se percebe a fenomenologia se fazendo presente. No meu entender, o que mais me marcou no trabalho dele ao final da primeira metade dos anos 1980 para frente foi aquilo que eu aprendi a chamar de ecletismo filosófico, que não era um elogio, pelo contrário.

André Malina: Você identifica que a obra de Manuel Sérgio explicava o seu entendimento sobre ciência ou permanecia no campo mais didático?

Lino Castellani Filho: Ele tinha uma grande capacidade de falar de coisas difíceis de um jeito fácil. O que é uma característica de um bom professor. Falar de coisas complexas de uma maneira a ser compreensível por aqueles que não são iniciados no campo é uma característica de um bom professor. Ele contava piada como um elemento de ganhar o público e aí aprofundar alguma conversa. Ele me apresentou o poeta português que eu usei no livro “Educação Física: história que não se conta”, chamado Carlos Queiroz: “ver as coisas por fora é fácil e vão. Por dentro das coisas que as coisas são”. Isso foi o que eu primeiro aprendi, e depois eu fui chegar a autores marxistas, discutindo o processo de conhecimento a partir do materialismo histórico-dialético. De visualizar a realidade em sua aparência para tentar chegar depois a sua essência, trabalhando com princípios da radicalidade, da rigorosidade e da totalidade, enquanto a reflexão de conjunto. Por coisas simples, em um exemplo simples, ele te levava a pensar coisas difíceis à época. Já no fim dos anos 1980, os escritos dele eram mais rebuscados. Inclusive por conta desse ecletismo. Muitas citações, muitos autores. Autores que, em última instância, não conversavam entre si. Ele pinçava uma frase de um, uma frase de outro, ou um parágrafo de um. Empregava o sentido que ele queria, e não necessariamente o sentido que o autor da frase dava no contexto de que a frase foi tirada.

André Malina: Isso aparenta ser uma possível falta de aprofundamento, correto?

Lino Castellani Filho: Sim. O Manuel Sérgio foi lendo, lendo, lendo e juntando. Por fim, escreveu a chamada teoria da Motricidade Humana. Ciência da Motricidade Humana. Então é uma discussão se a EF é uma ciência ou não é. Acho que há fundamento nessa crítica a ele sobre o ecletismo que reflete, sim, estudos superficiais de muita coisa. Uma formação generalista. O generalista é o que sabe cada vez menos de mais e mais, até que sabe nada de tudo. Ele pegava uma coisinha aqui e outra ali e perdia a configuração do todo.

André Malina: Manuel Sérgio foi sua referência basilar para o marxismo?

Lino Castellani Filho: Não. Em 1979, no âmbito da EF, fez com que visualizássemos a possibilidade de estudos e pesquisas no âmbito da EF por um caminho que não fosse aquele que nós tínhamos aprendido como o único possível, que era a partir do caminho das Ciências Biomédicas. Ele abre essa possibilidade. Na mesma época, eu fazia parte na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), da Pró-Reitoria de Extensão em Assuntos Estudantis, onde eu tinha uma incumbência: construir um projeto do esporte universitário. Recreei a Federação Acadêmica Maranhense do Esporte. Recreei os Jogos Universitários Maranhenses dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBS). Eu fiz parte do Departamento de Interiorização da UFMA, com a tarefa de desenvolver projetos para auxiliar prefeituras, dialogando no campo da saúde, da educação, da cultura e da mobilidade urbana. Eu aprendi muito nesse grupo. Para trabalhar com as comunidades, eu tive acesso a Paulo Freire. Só depois fui ter acesso a Saviani e a Marx. Veja: minha aproximação a Marx foi de segunda mão. Só depois fui ter a leitura dos clássicos a partir de grupo de estudos. O Maranhão mostrou para mim o quanto eu era incompetente para compreender a competência daquele povo, a competência popular. O pessoal da educação popular me ajudou bastante. Eu só fui ter acesso ao Paulo Freire como meu professor no mestrado. Mas tive acesso antes, no trabalho de interiorização. Manuel Sérgio, nesse momento, era uma figura desconhecida por mim. Não conhecia a literatura da EF com a pegada das humanidades.

André Malina: *Então, Manuel Sérgio contribui para abrir caminhos a uma compreensão de EF mais ampliada? É isso o que ele faz, essencialmente, no professor Lino da época e naquele contexto?*

Lino Castellani Filho: Eu acho que há uma outra coisa que eu não mencionei aqui. O meu ensino médio foi um curso chamado clássico. Dos 16 ou 18 anos, eu estudei Filosofia, Inglês, Francês, Latim, Literatura inglesa, francesa, portuguesa e brasileira. O meu primeiro curso superior foi Direito, em que fui até o terceiro ano completo, parando para fazer EF na USP. Quando eu chego ao Maranhão, consigo vaga, começo o curso de novo, mas já não tinha mais nenhuma vontade de seguir esse caminho. Isso me levou a discutir política esportiva. Isso me levou a discutir política pública. Eu tinha que estudar Histologia, Biologia, Fisiologia no curso de EF. E eu não aguentava essas aulas. Eu tinha uma pegada das Humanidades. Então, veja, óbvio que isso me chamou a atenção. Isso ajudou a me formar. Não foi o marxismo. Marx chega depois. Mas eu já estava preparado para estar do lado certo da história.

André Malina: *Você considera que Manuel Sérgio seja importante para essa geração tal como foi naquela época?*

Lino Castellani Filho: Eu vejo o Manuel Sérgio da mesma forma que eu vejo o Vitor Marinho de

Oliveira, que eu vejo o João Paulo S. Medina, como eu vejo uma Kátia Brandão Cavalcanti, como eu vejo a mim mesmo: como alguém que, sem nada articulado, organizado e pensado, deu conta de algo que ganhou o nome de movimento renovador progressista brasileiro. Que estava no lugar certo, na hora certa e soube tirar proveito daquele momento de redemocratização, que, acompanhando o debate na Educação, soube traduzir esse debate na Educação e levar para dentro da EF, configurando outras possibilidades. Para que isso acontecesse, o Manuel Sérgio teve uma importância na nossa formação. O Vitor Marinho, embora meio contemporâneo, com o livro dele “O Que é Educação Física”, tornou possível questionar: EF é Ciência? EF é Educação? EF é História? EF é Cultura? O livro do Medina traz elementos que não eram de Paulo Freire, mas, sim, de Álvaro Viera Pinto, e não sabíamos. Em uma perspectiva historiográfica, da história da EF, eu não posso falar de ignorar Manuel Sérgio, Vitor Marinho e as pessoas que eu citei. Mas eu penso que há estudos mais atuais que superaram em intensidade na construção do novo, não pela superação do velho, mas pela apreensão e consequente superação do apreendido. Estes estudos dão conta de traduzir melhor o que, quarenta anos atrás, se desenhou, começou-se a dar os primeiros passos, compreensões de teorias pedagógicas com concepções pedagógicas que estão vivas até hoje, servindo como referência até hoje.

André Malina: Manuel Sérgio fazia sínteses frasistas, e gostaria que você falasse um pouco sobre elas.

Lino Castellani Filho: Está em textos dele. Manuel Sérgio tem textos de poesia e poesias interessantes que podem dar gancho às discussões. Eu me vejo em sala de aula puxando essas frases épicas, frases simples, como essa: “Para se saber Educação Física, é fundamental saber mais do que Educação Física”. Ele está dizendo que temos que entender mais do que EF. Acham que saber o nome do músculo é saber EF? Ensinar a pessoa a correr em volta da quadra é saber EF? Ensinar alguém a dar um chute em uma bola é saber EF? Saber EF é muito mais do que isso. E Manuel Sérgio entra dizendo o que é esse muito mais.

André Malina: É um grande personagem, não acha?

Lino Castellani Filho: É um grande personagem. E, como qualquer personagem, muito humano e, como humano, com muitas limitações. Criticá-lo não significa dizer que se deve deixá-lo de lado. Ele teve uma origem marxista, porque as condições objetivas de Portugal o levaram para o Partido Comunista. Posteriormente, se aproxima da social-democracia e é levado a se afastar do Partido Comunista, mas em uma perspectiva totalmente eclética. Você não consegue chamá-lo de fenomenólogo. Ele não é

fenomenólogo. Ele dialoga com neopositivismo, não que o incorpore, mas traz para o debate. Ele pega aquilo e joga no texto que está construindo. Então, o que eu trago dele? Quando ele diz: “Olha, vocês não são profissionais que estudarão qualquer movimento, mas o movimento humano”. Se é humano, precisa compreender por que o ser humano se move.

Considerações finais

O diálogo com Lino Castellani Filho sobre sua visão do intelectual Manuel Sérgio no Brasil aponta para a relevância que esse pensador teve não somente para a construção da Educação Física brasileira de determinado tempo histórico, mas, especialmente, para a formação do próprio Lino Castellani Filho como intelectual comprometido, desde sua inserção na EF até os dias atuais. Socializamos a última pergunta conduzida na entrevista, que aponta para possibilidades e contribuições à EF.

André Malina: Se você tivesse de fazer uma síntese, qual a síntese que faria de Manuel Sérgio?

Lino Castellani Filho: Um ser humano maravilhoso, com uma sensibilidade social, afetiva e política muito grande. Uma pessoa que veio de baixo, que nunca abriu mão de sua origem de classe; embora tivesse uma situação de classe média, sempre manteve uma posição de classe associada aos de baixo, como dizia Florestan Fernandes. Uma pessoa que foi extremamente importante nos primeiros passos do movimento renovador da EF brasileira, por circunstâncias históricas. Por estar aqui no momento em que esse movimento começa a ganhar contornos, no momento em que a sociedade brasileira se redemocratizava e se permitia ao processo de pensar o que a EF vinha sendo, o que era e o que poderia vir a ser. Ele deu a contribuição para esse momento. Ele estava presente quando o CBCE conseguiu romper com as amarras de um viés biomédico, abrindo as portas para o universo da Filosofia, das Artes, das Ciências Humanas e Sociais, ajudando aos contemporâneos que estavam presentes a avançarem os estudos e a superarem a própria perspectiva de pensamento dele em várias outras direções, mas numa perspectiva progressista, que ajudou a construir. A importância dele para a EF brasileira está na necessidade de o estudarmos numa perspectiva historiográfica, da mesma forma que estudamos historiograficamente o movimento renovador da EF brasileira. Se ele chegasse hoje aqui, ele teria outro significado, se é que teria significado no nosso universo.

Nessa perspectiva, à luz de Lino Castellani Filho, a obra e a presença de Manuel Sérgio contribuíram diretamente para a (re)organização da EF brasileira. Além da sua contribuição teórico-

epistemológica para a EF, Manuel Sérgio, como intelectual e pessoa, parece ter influenciado intelectuais da EF e, por conseguinte, debates fundamentais para o desenvolvimento da perspectiva sociocultural. Especificamente, exerceu influência expressiva na trajetória de Lino Castellani Filho. Com base nas contribuições aqui postas, contextualizando Manuel Sérgio, convidamos à reflexão sobre a frase empregada por Manuel Sérgio que dá título à presente entrevista, dita na primeira vinda de Manuel Sérgio ao Brasil, que, em certa medida, diante das múltiplas determinações históricas e sociais, permanece atual: “Enquanto nós, da EF, estivermos atentos somente àquilo que se circunscreve a ela própria, não conheceremos o que é EF, tampouco a sua função social”. Assim, distanciados daquilo que a EF é e de como pode contribuir, como será que entendemos nosso papel como professores? A discussão permanece.

Referências

SÉRGIO, Manuel. **Desporto em Democracia**. Lisboa: Seara Nova, 1976.

SÉRGIO, Manuel. **O desporto como prática filosófica**. Lisboa: Diabril, 1977.

SÉRGIO, Manuel. **A prática e a Educação Física**. Lisboa: Compendium, 1978.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Milena Fernandes da Rocha.

Revisão do abstract realizada por: Alexandre Diniz da Costa.

Revisão do resumen realizada por: Alice Müller.